

Professor catedrático diz que a transição para as energias de baixo carbono exige continuar a pesquisa dos combustíveis fósseis

Petróleo e gás no 'offshore' nacional: é a energia, estúpido!

Amilcar Soares

Em vez de se preocupar com manifestações e abaixo-assinados, de valor científico baixo ou nulo, o Ministério alemão de Economia e Energia encomendou um estudo à Agência Internacional de Energia (IEA) e à Agência Internacional de Energias Renováveis (IRENA), em que uma das principais conclusões é a seguinte: "Limitar a subida da temperatura média global do planeta abaixo dos 2°C, até 2100, com uma probabilidade de 66% (Acordos de Paris), requer uma transição da estratégia energética com excecional foco, profundidade e rapidez". Este estudo de 2017, "Perspectives for the Energy Transition. Investments Needs for a Low-Carbon Energy System", elaborado por mais de 50 cientistas (geocientistas, meteorologistas, engenheiros do ambiente, etc.) tem uma conclusão em relação ao petróleo e gás que vale a pena reter: entre 2014 e 2050 o declínio da oferta face à procura é de tal magnitude que coloca em risco as perspetivas de transição suave para os tais 2°C, 66%. Ou seja, seriam necessários novos desenvolvimentos/projetos de prospeção para aumentar cerca de 350 mil milhões barris de novas reservas de petróleo e 115 biliões de metros cúbicos de novas reservas de gás, para se assegurar um ajustamento suave entre a oferta e a procura daqueles produtos e uma consequente transição suave e segura para o alvo pretendido de 2°C, 66%. Este relatório enfatiza a mensagem que o principal risco desta meta relaciona-se precisamente com o uso continuado de carvão para a produção de energia, e o papel chave do gás natural na transição do perfil energético dos diferentes países.

Face a este problema do planeta, o que nós estamos a assistir em Portugal é único e verdadeiramente impressionante: manifestações públicas contra a pesquisa de petróleo e gás e uma passividade e tolerância da parte do governo inaceitáveis. Os abaixo-assinados têm um teor populista e demagógico absolutamente risível: não há uma só evidência científica dos impactos ambientais, no turismo, riscos tecnológicos etc., resultante da atividade de prospeção no *offshore*. Pelo contrário, qualquer profissional ligado a essas áreas técnicas demonstra que são totalmente falsas aquelas alegações contidas na maioria dos abaixo-assinados. Mas o mais grave e impressionante nem é esta exibição pública de ignorância e demagogia. É o facto do cerne do problema não ser abordado nem a sua discussão incentivada: a energia.

Todos nós apoiamos e pretendemos uma transição suave e sem riscos para o alvo dos 2°C, 66%; a transição tem de ser suave e sem riscos porque as economias têm de continuar a crescer e a consumir energia. Todos

apoiamos o aumento focado e rápido das energias renováveis: tem mesmo de ser para atingirmos aquele objetivo. Mas ao mesmo tempo temos de nos concentrar na outra parte da solução: o aumento das reservas de petróleo e gás. Caso contrário, aquele alvo nunca irá ser atingido, pois ao mínimo sobressalto das suas economias os países vão começar a queimar carvão, o mais poluente dos combustíveis. É por esta razão que em muitos países do mundo os governos têm estimulado e não cortado a pesquisa daqueles recursos no seu subsolo. Na Europa os países com potenciais recursos não hesitam em dar novos licenciamentos para prospeção: Irlanda, Reino Unido, Noruega e, com as descobertas mais recentes, os países do Mediterrâneo, nomeadamente a Grécia, Albânia, Chipre, Israel, Marrocos, etc.).

O Governo português não pode ceder a esta vaga populista de manifestações e abaixo-assinados de baixo teor, e tem obrigação de apoiar de um modo claro, público e inequívoco, todas as iniciativas que ainda restam de pesquisa de petróleo e gás no *offshore* português, em nome de uma estratégia de transição sustentável para as energias de baixo carbono.

